

# d' autor



n. 3 | a revista que sonha | Abr. 2013

Tema central

## Preconceito

9 | Ensaio

Será que antes de se  
conhecer é possível saber?

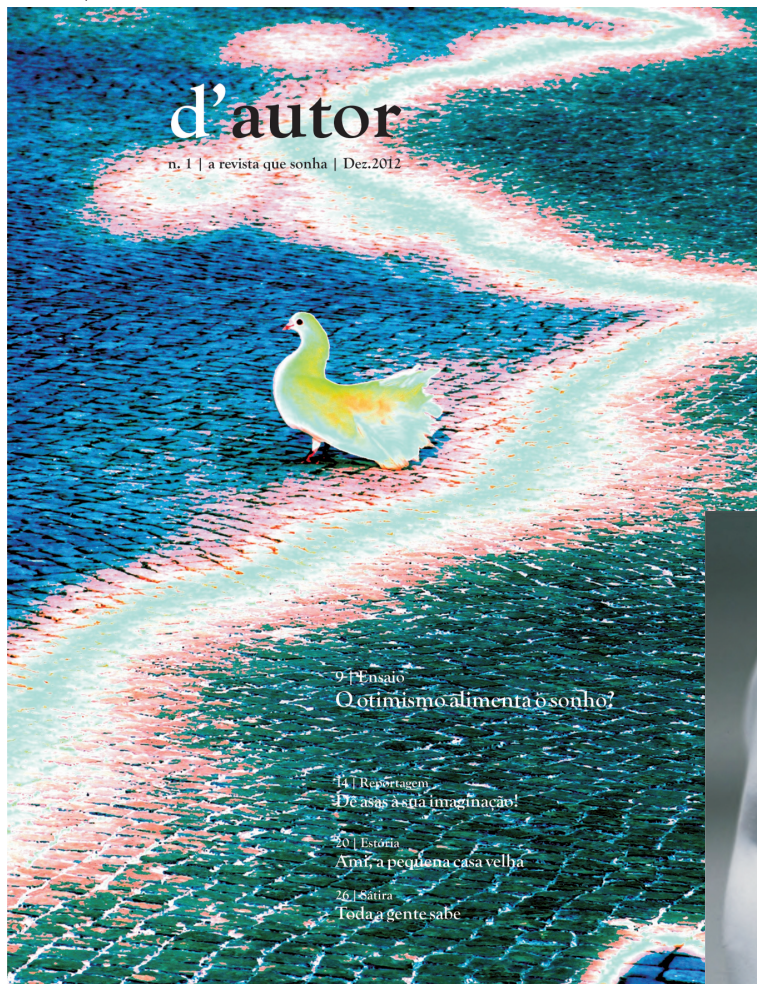
18 | Reportagem

Como surgiu o dia das  
mentiras?

26 | Sátira

Espelho da alma

1ª edição



Entre  
e deixe levar-se  
pelas palavras.

# d'autor

a revista que sonha!

2ª edição



Subscreva a sua revista em <http://dautor.drupalgardens.com>.

# d'autor

a revista que sonha!

## Estatuto Editorial

A d'autor é uma publicação temática bimestral de Cláudia Sofia Monsanto dos Santos.

A d'autor assume-se como veículo de comunicação independente.

A d'autor afirma o respeito pelos princípios da dignidade da pessoa humana, da solidariedade social, da liberdade, da igualdade de oportunidades, dos princípios deontológicos da comunicação social, assim como pela boa-fé dos seus leitores.

A d'autor tem como objetivo primordial inspirar o leitor a desenvolver o sentido crítico, a reflexão e a criatividade.

A d'autor acredita que a partilha de mensagens de otimismo, dedicação e amor potenciam o respeito, a liberdade, a solidariedade e a originalidade – elementos fulcrais para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente.

A d'autor é direcionada a todas as pessoas que se interessem por conteúdos que promovam o pensamento, a reflexão, a troca de ideias e o sentido crítico, para além de alimentar o imaginário e a capacidade criativa.

A d'autor estará atenta a projetos, conteúdos e eventos criativos, procurando promover todos aqueles que respeitem a filosofia e qualidade por esta adotadas.

A d'autor procurará refletir sobre temas relevantes à era planetária com o intuito de identificar e expor novas formas de adaptação a um mundo em constante mutação.

## Ficha Técnica

Propriedade | Cláudia Sofia Monsanto dos Santos

Subscrição | [www.dautor.drupalgardens.com](http://www.dautor.drupalgardens.com)

Textos | Cláudia Sofia

Grafismo | Cláudia Sofia

Fotografia | Imagens Coreldraw

Periodicidade | Bimestral

Formato | 300 mm x 230 mm

Tiragem | Virtual

5 | Editorial  
O caminho da felicidade

7 | Texto criativo  
Entre olhares

9 | Ensaio  
**Será que antes de se conhecer é possível saber?**

“Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és” é um provérbio muito utilizado em Portugal. Esta curta frase faz pensar. Afinal, seremos iguais apenas por nos relacionarmos? Ou será que apenas nos relacionamos com pessoas parecidas connosco? Quantas vezes nos sentimos ofendidos ou excluídos por pessoas que não nos conhecem? E será que essas pessoas têm razão? Será que somos o que elas pensam? Ou seremos algo que a cada segundo é desvendado? Então, porque insistimos em saber antes de conhecer? Será isso possível? Ou será apenas a ratoeira do preconceito, dos juízos de valor a testar-nos?

14 | Estória  
Internem-me! Só posso estar louca!

16 | Recensão  
“Chegámos ao mundo em que

todos podemos ser autores”

18 | Reportagem  
**Como surgiu o dia das mentiras?**

Porque será que tantos povos festejam no dia um de abril o dia das mentiras?

20 | Texto criativo  
Artista natural

21 | Coluna de autor  
Ainda muito há a fazer!

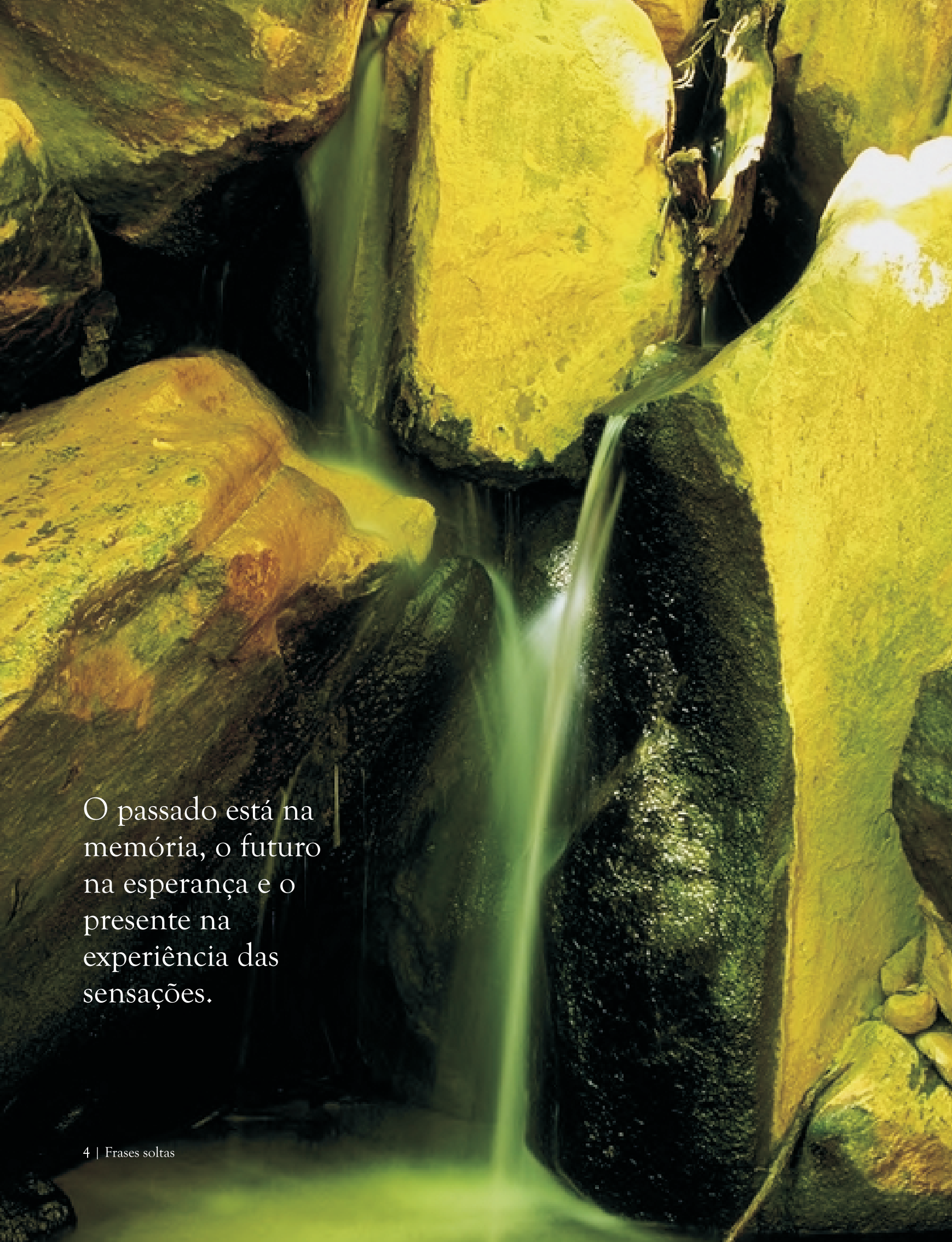
22 | Sugestões

23 | Resenha  
“The usual suspects” de Bryan Singer

25 | Texto criativo  
Como um guia

26 | Sátira  
**Espelho da alma**

Uma voz quente e masculina interrompeu o meu descontrolo. Bem próximo do meu ouvido esquerdo disse “Todos os dias a vejo aqui, a observar esta montra. O que é que lhe interessa?”. Nem me mexi. Assustei-me! Um homem que me observa todos os dias... só pode ser um tarado!



O passado está na  
memória, o futuro  
na esperança e o  
presente na  
experiência das  
sensações.

# O caminho da felicidade

Há quem diga que a essência humana prospera sob a luz condutora da vida em sociedade. A verdade é que hoje em dia o Homem vive aprisionado pela exigência social de uma certa imagem ideal. Vive marcado pela necessidade de passar uma determinada ideia de si mesmo e condicionado pela ideia projetada e apressada que faz dos outros. Este caminho leva a julgamentos desfavoráveis e sentimentos hostis sobre pessoas, lugares, culturas e tradições, vulgarmente designados por preconceitos.

O preconceito é o tema que inspira a atual edição da d' autor, onde procuramos refletir sobre o porquê da sua existência e de que forma pode ser vivido, sentido e, principalmente, utilizado para incrementar a qualidade na vida humana.

Assim, ao longo das próximas páginas, questione-se com o ensaio sobre o *Preconceito*, delicie-se *Entre*


*olhares* com o *Espelho da alma* e descubra mais sobre a *edição de autor* e o *dia das mentiras*.

Lembre-se que a vida está repleta de escolhas. Há escolhas que nos levam ao caminho da felicidade.

Basta escolher o caminho do respeito, da partilha, da união e da disponibilidade em conhecer os outros.

Por fim, dedique-se à vida, à imaginação, à confiança, ao respeito, à emoção, à partilha e ao amor.

Entre e deixe levar-se pelas palavras!

A close-up photograph of a squirrel standing on its hind legs. The squirrel is facing left, holding a nut in its front paws. Its tail is long and bushy, extending upwards and to the right. The background is a blurred, light-colored rocky or sandy surface.

Vive cada  
experiência como  
se fosse a  
primeira.

# Entre olhares

Os olhares chocaram. A temperatura corporal subiu. As emoções modificaram as suas posturas.

Sempre que entrava no metro procurava-a. Ela mantinha o olhar atento à porta e assim que ele a encontrava fugia para o escuro do túnel.

Ele procurava sentar-se bem perto dela, se bem que a ansiedade abanava-lhe as pernas. Apenas os sentimentos de vaidade o seguravam de pé. A impotência une-se aos outros quando se senta uns lugares à sua frente.

Ela esforça-se por não dar pelo seu interesse. O pescoço dobra-se ao peso da vergonha pela atração por um “miúdo” – como lhe chama nas conversas com as amigas – e as pupilas dilatam ao toque da vaidade pelos olhares indiscretos que trocam.

Os olhos brilhantes, como a água cristalina da baía, deixam-na como uma garça assustada pelo aproximar barulhento de umas pernas mutantes.

Os restantes viajantes são embalados pelo toque daquele desejo descontrolado. Parecem loucos... aquele constante subir e descer de olhares – não conseguem manter-se afastados e ao mesmo tempo querem esconder o que sentem.

Quando o metro pára, ela apressa-se a sair. Ele está mais próximo da porta, se bem que temporiza com o ajeitar do casaco para se colar a ela quando passa. Habitualmente

apenas sente o aroma dos seus cabelos. Hoje aproveitou a greve geral para meter conversa.

Ela, quase sem voz, respondeu à sua pergunta. Dessa resposta nasceram outras perguntas. A cada pergunta, a cada passo, ela parecia uma miúda perante o primeiro amor. Ele disfarçava a sua imaturidade através da voz segura, colocada e convicta nas palavras.

No túnel trocaram mais um olhar.

Foi um olhar longo e direto.

Terminou com um até amanhã, seguido de um sorriso.

A sinceridade vem  
do coração. Da  
mente vêm os  
medos.





## Será que antes de conhecer é possível saber?

O mundo está cheio de opiniões sem qualquer fundamento sério. E destas nascem julgamentos desfavoráveis sobre pessoas, lugares, culturas, tradições. Enfim, o hábito de fazer julgamentos e generalizações apressadas acaba por motivar sentimentos hostis que terminam em atitudes de intolerância.

O dia-a-dia é um bom exemplo disso. Quando saímos de casa cruzamo-nos com várias pessoas. São completos estranhos e mesmo assim pensamos saber quem são apenas por se enquadrarem num determinado padrão social – padrões esses que muitas vezes nem sabemos como nasceram.

Assim, tomei uma decisão. Decidi ouvir com atenção cada pensamento provocado pelas presenças que se cruzassem comigo. A descer uma rua passei por diversas pessoas. De todas recebi indiferença e a todas ofereci ignorância. Os meus olhos viram vultos e a minha mente recriou-os sob a influência de estereótipos ridículos.

Primeiro, vi uma mulher que parecia ter saído diretamente da cama para a rua. Pensei: “*só pode ser louca*”. Pouco depois, passou um jovem com a roupa rasgada com um olhar vermelho meio perdido e sempre a fungar. Logo concluí que se tratava de um drogado. Todas as manhãs, como aquela, cruzava-me com uma mulher dos seus 30 anos que subia aquela rua na companhia de um homem diferente. Naquela

manhã pensei o que, provavelmente, pensei nas outras – “*deve andar com todos e não é de nenhum*”. Os miúdos que, em grupo, se dirigiam para a escola ao cimo da rua “*devem ser burros*” tal a quantidade de calinadas na língua portuguesa. Enfim, poderia ficar aqui o resto da vida!

Ah, já me esquecia! Faltam aquelas pessoas que vejo como pessoas de bem, que trabalham e respeitam os outros; como eu! Isto é ridículo, eu sei! Será possível que só estas pessoas são trabalhadoras, boas e respeitadoras? Apenas por me identificar com elas? Ridículo! Para não lhe chamar outra coisa.

A verdade é que estes pensamentos não são só meus. Quero acreditar no contrário, mesmo assim são várias as conversas nas ruas, nos transportes públicos, no local de trabalho ou em casa que comprovam que são pensamentos transversais à sociedade atual.

E são estes pensamentos e convicções sem fundamento que acabam por provocar atitudes hostis e intolerantes por todo o mundo.

Pelo menos começam assim – pequeninos, insignificantes, ridículos, dignos de gargalhadas – e depois evoluem para atos, movimentos, agressões, guerras baseadas em “*pré-conceitos*” de algo que se desconhece.

*“Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és” é um provérbio muito utilizado em Portugal. Esta curta frase faz pensar. Afinal, seremos iguais apenas por nos relacionarmos? Ou será que apenas nos relacionamos com pessoas parecidas connosco? Quantas vezes nos sentimos ofendidos ou excluídos por pessoas que não nos conhecem? E será que essas pessoas têm razão? Será que somos o que elas pensam? Ou seremos algo que a cada segundo é desvendado? Então, porque insistimos em saber antes de conhecer? Será isso possível? Ou será apenas a ratoeira do preconceito, dos juízos de valor a testar-nos?*

E são estes pensamentos e convicções sem fundamento que acabam por provocar atitudes hostis e intolerantes por todo o mundo. Pelo menos começam assim – pequeninos, insignificantes, ridículos, dignos de gargalhadas – e depois evoluem para atos, movimentos, agressões, guerras baseadas em “pré-conceitos” de algo que se desconhece.

E tudo isto porquê? Por causa das diferenças que constituem o mundo? E então? Somos diferentes e, por isso mesmo, como podemos rotular os outros quando somos tão diferentes e ainda por cima completos desconhecidos? Será isso possível – saber antes de conhecer? O conhecimento é um estado, uma realização pessoal – é um caminho que percorremos para atingir uma meta. O conhecimento pressupõe verdade, crença e fundamento. Por acreditarmos em algo, não quer dizer que se trate de conhecimento, mesmo que a nossa crença seja verdade. Nesse sentido, é necessário que, para além de ser verdadeiro e de acreditarmos nessa verdade, tenha também algum fundamento. Será um pouco como a investigação de um crime – sabemos quem o cometeu, como o cometeu, acreditamos na culpa do criminoso identificado e, mesmo assim, só conseguiremos puni-lo pelo seu crime quando existirem provas irrefutáveis disso.

A verdade é que a consciência daqueles pensamentos castradores fortaleceu a curiosidade em perceber o porquê de tudo isto. Porque será que facilmente rotulamos os outros mesmo sabendo que não os conhecemos? Quantas vezes nos ofenderam, gozaram ou excluíram sem mesmo nos conhecerem? E será que isso faz de nós o que os outros pensam? Ou seremos algo que tem de ser descoberto a cada segundo?

Afinal, a mulher despenteada e ainda a arranjar-se pode apenas estar atrasada e com o vento a dificultar-lhe a vida. O jovem que fungava e tinha os olhos vermelhos pode estar constipado ou com alergias. Sim, porque a roupa rasgada é moda nos tempos que correm. A mulher que todos os dias tinha uma companhia nova pode ter amigos que vão na mesma direção que ela. Os miúdos da escola... bem esses... podem até ser muito inteligentes e, mesmo assim, não saberem falar o português. Quantos portugueses não têm a mesma dificuldade? Parece assim evidente que, para concluir que alguém é drogado, é aconselhável que seja verdade, que acreditemos verdadeiramente nisso e, principalmente, que tenhamos algo que o fundamente, uma prova irrefutável.

É fundamental que essa prova seja algo mais consistente que uma impressão, uma sensação ou uma ideia daquilo que um drogado aparenta ser. A verdade é que os nossos pensamentos, as nossas atitudes, as nossas ações são condicionadas pela forma natural como defendemos tudo o que nos é próximo e comum e como rejeitamos ou tememos tudo o que nos é alheio e estranho. E desta forma simples e quase natural vivemos manipulados por estereótipos, por padrões sociais e por preconceitos e juízos de valor precipitados e sem fundamento. E assim vivemos em preconceito.

Krishnamunti, referindo-se à importância da escuta na vida do ser humano, disse que *“A maioria das pessoas escuta através de uma cortina de resistência. Os preconceitos religiosos, espirituais, psicológicos ou científicos impedem-nos de ter uma verdadeira escuta, como no-la, impedem as nossas preocupações quotidianas, os nossos desejos ou expectativas, os nossos temores. (...) E tendo tudo isto como cortina, escutamos. Contudo, o que realmente escutamos é (...) o nosso ruído, o nosso som, não aquilo que realmente está a ser dito”*.

Quase poderíamos substituir o verbo escutar por relacionar; e mesmo assim faria sentido... seria uma boa forma de caracterizar as relações humanas de hoje. As relações humanas são complexas e vivem grandes dificuldades externas e internas ao ser humano. As piores são de caráter interno. Os preconceitos encontram-se entre eles. Se confundirmos a imagem com o indivíduo, o relacionamento tornar-se-á insuportável para ambos. Recordando Francesc Torralba *“é preciso ser recetivo ao outro (...) Há que dar a oportunidade ao outro, para poder fazer em pedaços aquela primeira imagem que construímos dele”*.

Posto isto, parece importante evitar o peso que a imagem do outro nos coloca sobre as costas, porque os preconceitos afastam-nos das pessoas; tornam-nos escravos de uma ideia do que os outros são e a verdade é crua – os outros excedem sempre a imagem que construímos deles. Há aspetos no ser humano –

*“eu interior”* – que dificilmente conseguiremos encaixar por completo nessa ideia, imagem que criamos dos outros.

Por isso, porque será que insistimos em saber antes de conhecer? Será isso possível? Ou será que estamos apenas a cair na ratoeira do preconceito, dos juízos de valor que tantas vezes levam à discriminação, à desigualdade, ao conflito e à infelicidade patente em tantas sociedades espalhadas pelo mundo? Bertrand Russell dizia que *“todos precisam de alguma filosofia, exceto os mais irrefletidos e, na ausência de sabedoria, será quase sempre uma filosofia tola. O resultado disto é a humanidade ficar dividida em grupos rivais de fanáticos, cada um desses grupos firmemente persuadido de que a sua coleção de disparates é uma verdade sagrada e a dos outros uma heresia maldita”*.

Ao observar os bebés tendo a concordar com Bertrand Russell. Os bebés, ainda pouco afetados pela sociedade, lidam de forma similar com todos. Podem gostar de um e rejeitar outro sem que a razão seja tão básica como as diferenças que os distingue. Aliás, as crianças de tenra idade têm tendência a aproximar-se do que é diferente, desconhecido, e apenas por curiosidade – querem tocar, ver de perto, cheirar, sentir o paladar; enfim, conhecer e perceber do que se trata.

**A verdade é que a consciência daqueles pensamentos castradores fortaleceu a curiosidade em perceber o porquê de tudo isto. Porque será que facilmente rotulamos os outros mesmo sabendo que não os conhecemos? Quantas vezes nos ofenderam, gozaram ou excluíram sem mesmo nos conhecerem? E será que isso faz de nós o que os outros pensam? Ou seremos algo que tem de ser descoberto a cada segundo?**

As relações humanas são complexas e vivem grandes dificuldades externas e internas ao ser humano. As piores são de caráter interno. Os preconceitos encontram-se entre eles. Se confundirmos a imagem com o indivíduo, o relacionamento tornar-se-á insuportável para ambos.

Em resposta às várias questões que foram deixadas a pairar, somos o que somos e estamos sempre em constante descoberta de nós mesmos e dos outros. O preconceito é apenas uma cruz limitadora do potencial das relações humanas. Para aliviarmos o peso desta cruz e potenciarmos relações de qualidade e em harmonia, há que, primeiro de tudo, tomar consciência que ela existe e existirá sempre. O preconceito faz parte da vida humana, da vida em sociedade. Podemos minimizar a sua influência nas nossas vidas, se bem que o nosso receio do desconhecido fará sempre com que o preconceito persista.

Lou Marinoff defende que a forma mais certa de nos relacionarmos com os outros é promover a descoberta daquilo que “os nossos olhos não podem revelar-nos” para de uma “forma mais segura formar uma ideia precisa sobre os nossos semelhantes”.

A solução consiste numa ação conjunta da sociedade, pois está diretamente ligada à nossa educação, à nossa cultura virada para dentro de si mesma. Promover a educação de um ser humano mais recetivo ao seu semelhante – independentemente da sua raça, cultura, religião,

tendência sexual, entre outros – demonstrando que é graças a essa maior abertura que tornamos visíveis os nossos preconceitos e que nos acostumamos às diferenças que provocam o medo que alimenta o preconceito.

Enfim, motivar o Homem a sair da sua zona de conforto, tornando-a cada vez mais ampla, já que o diálogo e a troca de ideias com pessoas que pensam diferente de nós, as viagens e o contacto com culturas distintas e distantes são os grandes antídotos para o preconceito.



*“O homem  
não é mais  
do que aquilo  
que ele faz de  
si.”*

Jean-Paul Sartre

Internem-me!  
Só posso estar  
louca!



## Sinopse

Lado a lado, se bem que de costas voltadas.

Procuram acalmar a raiva, a emoção ou, simplesmente, a insegurança que ambos sentem.

A Sofia não quer acreditar que caiu numa esparrela lançada por um jogador de futebol. Para Rodrigo, ela representa tudo o que sempre criticou numa mulher... o preconceito, a impulsividade, a extravagância.

Quem sairá vencedor desta disputa? Será o

preconceito que os aproximou? Será o medo que os afasta? Ou será o amor que tanto os seduz?

## Excerto

*“A expressão facial da Sofia demonstrava bem o que pensava sobre o assunto. O Rodrigo, várias vezes, tentou mudar o tema de conversa. Os colegas davam-lhe corda e logo voltavam à vaca fria: o futebol.”*

*“E os treinadores e os adeptos... os adeptos então! Passam horas numa fila para pagar uma pequena fortuna por um bilhete para insultarem e agredirem o adversário e depois o que é que acontece? Vão todos para casa com uma valente bebedeira e dormem para esquecer! Ridículo!»*

*“O silêncio manteve-se por largos minutos. Ela não sabia o que*

*dizer. Ele já tinha dito tudo o que havia a dizer. Os olhares apenas se tocavam. Ela encolhia-se... sentia-se pequenina porque tudo o que dizia fazia sentido. Depois de tanto preconceito, como poderia esperar que ele se interessasse por ela. Mesmo assim, sentia vergonha em admitir que ele tinha razão. Ele também temia que aquela conversa a afastasse. Mesmo com tanto preconceito em relação a algo que não conhecia, gostava da companhia dela. Gostava das conversas e dos passeios a dois. Adorava a atenção que dava a todos os assuntos que ele tanto gostava de abordar. E não sabia como iria ela reagir ao atropelamento da sua convicção preconceituosa sobre um futebol de burros e para burros.”*

# “Chegámos ao mundo em que todos podemos ser autores”

*José Afonso Furtado | XXI Ter  
Opinião 2012 | página 148 a 155  
Publicação anual da Fundação  
Francisco Manuel dos Santos*

José Afonso Furtado é o diretor da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian desde 1992. Tinha já sido presidente do Instituto Português do Livro e da Leitura, para além de ser atualmente professor convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Neste artigo o autor pretende refletir sobre a edição, a edição de autor e a influência das novas tecnologias na revolução atual no mundo da edição. Segundo Furtado, a edição de autor acompanhou desde sempre a evolução da edição, pois *“Já em 1664, Milton autoedita a Areopagítica, em que defende a liberdade de expressão e ataca a censura e a licença de impressão aprovadas no Parlamento inglês, e William Bowyer, porventura o mais reputado impressor de Londres na primeira metade do século XVIII, retirava uma proporção muito significativa dos seus proventos da publicação de obras custeadas pelos seus autores”*.

José Afonso Furtado define a edição de autor como a decisão de um autor em ser o único responsável por a financiar, gerir, promover e vender, contratando todos os serviços necessários à produção, publicação e venda da sua obra – editores, impressores, ilustradores,

entre outros.

Ao longo de seis páginas o autor finta a ideia preconcebida que as obras assim publicadas são de baixa qualidade e só por isso não foram publicadas por editoras de renome ao apontar as razões que levam a optar pela edição de autor. Recorrendo a Leigh Lundin, refere quatro motivos principais para o recurso à edição de autor. Assim, o facto de o autor ser desconhecido, o tema ser obscuro ou controverso, a obra dirigir-se a um pequeno nicho de mercado ou o estilo, a escrita ou o género não agradar às editoras pode levar a que a obra seja recusada pelos editores tradicionais. A decisão pode ser motivada também pelo desejo do autor em manter liberdade criativa total, por querer *“controlar os resultados das tiragens, acesso às bases de dados, vendas e clientes”* ou por pretender garantir uma proteção total dos seus direitos.

José Afonso Furtado procura ao longo do artigo cortar com a *“visão extremista”* da autoedição como uma atitude de vaidade ou como indicativo de ausência de qualidade literária. Até porque, são vários os autores de renome que enumera como tendo iniciado a sua carreira através da edição de autor, como Rimbaud, Virginia Woolf, E.E. Cummings, Gertrude Stein, Ezra Pound, George Bernard Shaw, Rudyard Kipling ou, em Portugal, Miguel Torga, Agostinho da Silva, Sophia de Mello Breyner Andresen,



Fernando Guedes e José Luís Peixoto.

Mesmo assim, com o aparecimento das novas tecnologias, da vulgarização dos computadores pessoais, do Desktop Publishing e do aparecimento de empresas de serviços de Print on Demand (POD) – como a iUniverse, a Xlibris e a Author Solutions – a autoedição tornou-se ainda mais facilitada e ganha a cada dia uma maior preponderância nas opções alternativas de publicação de obras literárias.

Posto isto, durante a segunda e terceira parte do artigo, o autor aproveita para identificar e refletir sobre as diferentes opções que o mercado apresenta atualmente.

Desde as já referidas às mais atuais Lulu – self publishing website da Red Hat –, Scribd, Wattpad e mais recentemente a Amazon – através da sua plataforma Kindle Digital Publishing – é possível encontrar soluções para todos os gostos, que permitem atingir um mercado mais abrangente de leitores e que se torna cada vez mais apetecível para os autores, já que têm uma margem maior nas vendas das suas obras.

Mesmo autores já consagrados procuram atualmente unir a edição tradicional com a edição de autor, pois alcançam assim um maior rendimento, para além de já estar previsto a diminuição de resultados comerciais através da edição tradicional.

Como conclusão, Furtado recorda

que atualmente o mercado editorial vive uma situação de hiper-abundância – caracterização apresentada por Jana Bradley et al. – uma vez que com a difusão das tecnologias Web 2.0 qualquer um pode produzir e distribuir à escala mundial conteúdos de toda a espécie através de blogues, wikis, podcasts ou plataformas nas redes sociais. Esta amálgama de oferta torna a procura de títulos mais difícil, acabando por reforçar a ideia que a edição de autor é sinónimo de ausência de qualidade.

Em suma, a edição de autor sofreu ao longo dos tempos uma evolução significativa que facilita a autoedição, se bem que acaba também por tornar mais espesso o véu da ausência de qualidade que já ensombra a edição de autor.

Desta feita, resta perceber se é possível transpor para a edição digital os profissionais responsáveis pela avaliação da qualidade das obras literárias, ou se os autores terão que encontrar uma forma consciente e inteligente de ultrapassar o preconceito ainda presente na edição de autor?

## Como surgiu o dia das mentiras?

O dia das mentiras é festejado por todo o mundo. Ao longo dos tempos foram várias as explicações apontadas a esta data. Houve quem referisse um festival romano, em Cerelia, que celebrava a história de Proserpina, uma jovem que foi raptada por Plutão, enquanto colhia lírios no vale. Ceres, mãe de Proserpina, ficou tão desorientada que procurou a jovem sem qualquer método e resultados. O dia das mentiras foi também justificado pelo facto do dia 1 de Abril ser o dia de homenagem ao Deus pagão nórdico Loki, que era o Deus das brincadeiras e partidas. Com o Cristianismo, o Deus pagão foi derrubado e o costume passou a ser meramente folclórico. A verdade é que a mais credível aponta para a mudança do calendário Juliano para o Gregoriano. Com o primeiro, o início do equinócio de Verão trazia o ano novo, festejado entre o dia 25 de Março e o dia 1 de Abril. Com o segundo, o ano novo passou a ser festejado no dia 1 de Janeiro. A adoção do calendário gregoriano ocorreu durante o reinado do rei Carlos IX de França, em 1564. Mesmo com a decisão do

rei, houve quem se negasse a festejar o novo ano nessa data e assim começou o dia dos "tolos de abril". Quem adotou o novo calendário enviava com frequência convites para festas imaginárias ou enviava partidas em forma de presente. Enfim, o objetivo era ridicularizar todos os que se negavam a adotar o novo calendário determinado pelo rei.

A tradição rápido se estendeu a outras regiões. Mesmo assim, há povos que festejam em dias diferentes, como no México (28 de Dezembro), na Roma Antiga (25 de Março) e na Índia (31 de Março).

*“O 1 de Abril é o dia do ano em que nos lembramos daquilo que somos nos restantes 364 dias.” (Mark Twain)*



# Mentiras famosas

Todos os anos neste dia, os órgãos de comunicação social incluem entre as notícias autênticas, um disparate, mais ou menos disfarçado, para pregar partidas aos seus leitores.

Aqui ficam algumas das mentiras mais divertidas do dia 1 de Abril.

**1957**

A BBC exibiu o programa “*Panorama*” onde mostrava uma enorme plantação de esparguete na Suíça. Supostamente, o esparguete crescia nas árvores graças a um Inverno ameno e foram exibidas imagens de uma família a recolher fios de esparguete das árvores e a colocá-los em cestas. Foram muitos os que acreditaram na história e ligaram para a estação de televisão para saber como poderiam plantar árvores de esparguete, ao que a estação britânica respondeu: “*Coloque um ramo de esparguete numa lata de molho de tomate e espere que cresça.*”

**1958**

Matos Maia da Rádio Renascença decidiu pregar uma partida aos portugueses ao dizer em pleno “*ar*” que a praia de Carcavelos estava a ser invadida por seres de outro planeta.

**1962**

Na Suécia apenas existia um canal de televisão que transmitia a preto e branco. Um técnico da estação apareceu no ecrã a dizer que, para

os telespectadores começarem a ver a emissão a cores, só tinham que colocar uma meia de nylon a cobrir o ecrã da televisão. O técnico começou a exemplificar e milhares de pessoas fizeram o mesmo. Porém, as transmissões a cores, na Suécia, só começaram a 1 de Abril de 1970.

**1981**

O “*Daily Mail*” lançou a ideia junto dos seus leitores que um japonês pensava que tinha que correr 26 dias e não 26 milhas para entrar na maratona de Londres. Nos subúrbios de Londres, várias pessoas viram um homem asiático que só parava de correr para dizer que era uma partida do “*the fool's day*”.

**1998**

O “*USA Today*” anunciou em página inteira que a Burger King tinha lançado um hambúrguer especial para canhotos. A mentira foi tão convincente que milhares de pessoas se dirigiram ao Burger King para experimentar o hambúrguer.

**2011**

O “*The Independent*” anunciou que Portugal havia vendido Cristiano Ronaldo a Espanha por 160 milhões de anos.



## Artista natural

Todas as manhãs visito-o. Por volta da mesma hora deço a rua e logo sinto o aroma salgado a invadir cada uma das narinas.

Hoje, assim que o toquei com o olhar pasmei-me... parecia entrar na maior sala de espetáculos de sempre.

Assim que apoiei o meu corpo ansioso na primeira fila pude deliciar-me com o bailado de gaivotas que coreografa quando estende os seus braços refrescantes.

Ao bater das asas espreeitei as pinturas gravadas na areia à sua passagem.

No vaivém das águas, por breves segundos, descobre dentro de si as obras de arte que esculpe com o seu ondular constante.

E como um ator, com as suas palhaçadas de toca e foge, anima os sorrisos daqueles que por ali caçam conchas que transporta até à margem arenosa.

## Ainda muito há a fazer!

Todos os anos em Portugal festeja-se a liberdade em Abril por ser o mês de comemoração da Revolução dos Cravos, que pôs cobro a quase meio século de poder autocrático.

A 25 de Abril de 1974 os portugueses exigiram os seus direitos e a 2 de Abril de 1976 foi aprovada a Constituição da República Portuguesa, que consagra os direitos, liberdades e garantias civis e políticas dos cidadãos portugueses. Desde então, sob a proteção da liberdade e da democracia, a sociedade portuguesa sofreu grandes transformações nos costumes, nos valores morais, refletidos no seu dia-a-dia.

E hoje? Será que hoje são respeitados os direitos dos portugueses? Ou será que, decorridos quase quarenta anos de democracia, ainda se desrespeitam os direitos de todos nós?

O Programa do MFA (Movimento das Forças Armadas) visava a Democracia, a Descolonização e o Desenvolvimento. Somos um país democrata, já não temos colónias e o país desenvolveu, resta saber se para melhor. Todos concordamos que a Ditadura atrasou o desenvolvimento de Portugal em 50 anos, mesmo assim a tentativa de tornar um país ditatorial num país civilizado, tendo como alicerce a liberdade, a democracia e, o mais importante de todos, o civismo, está hoje ainda longe de se concretizar.

Afinal, será indício de liberdade e

democracia avançar um sinal vermelho, fazer fogueiras sem deixar de prevenção os bombeiros, deitar lixo para o chão, não limpar as matas, abandonar animais, entrar numa rua em sentido contrário, estacionar em segunda fila, recorrer a amizades para obter benefícios numa lista de espera ou numa candidatura de emprego? Ou será que está a desrespeitar os direitos de todos os cidadãos portugueses? Sem recorrer à força, é verdade. Mesmo assim, continua a ser desrespeitador e perigoso. Será que quem ensinou aos portugueses os seus direitos se esqueceu de ensinar também os seus deveres? Sim, porque cada direito traz um dever associado. E é com o cumprimento dos nossos deveres como cidadãos e com a exigência dos nossos direitos que contribuimos para o desenvolvimento da nossa sociedade.

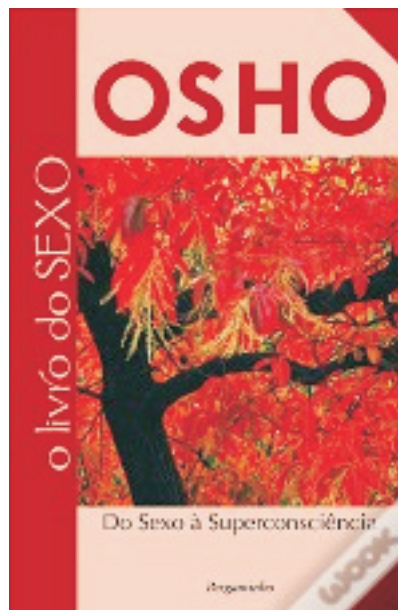
É com pequenos gestos e atitudes que enriquecemos a nossa sociedade, deixando que o civismo – sinal de liberdade e democracia – se torne parte integrante dela.

**Afinal, será indício de liberdade e democracia avançar um sinal vermelho, fazer fogueiras sem deixar de prevenção os bombeiros, deitar lixo para o chão, não limpar as matas, abandonar animais, entrar numa rua em sentido contrário, estacionar em segunda fila, recorrer a amizades para obter benefícios numa lista de espera ou numa candidatura de emprego? Ou será que está a desrespeitar os direitos de todos os cidadãos portugueses?**



**“A cidade dos Deuses Selvagens”**  
de Isabel Allende

“*A cidade dos Deuses Selvagens*” conta a estória do jovem Alexander Cold, que se vê arrastado para o meio da Amazónia pela sua excêntrica avô, em virtude da complicada doença da mãe. No meio de um habitat estranho e desconhecido, Alexander conhece Nadia, com quem partilha aventuras surpreendentes e perigos maravilhosos. Pela pena enigmática de Isabel Allende, vive-se a imensidão de conhecimentos, surpresas e experiências possíveis numa maravilha natural chamada Amazónia.



**“O livro do sexo”** de Osho

Ao longo de mais de 300 páginas, Osho responde a perguntas sobre a sexualidade humana e o valor espiritual do prazer sexual. O autor defende o sexo como uma forma válida e eficaz de meditação, visto tratar-se de uma forma de expressão do ser humano, tal como uma forma única de autoconhecimento. Osho procura desmistificar o sexo, despindo-o dos muitos tabus e preconceitos que o afastam da sua essência. Nas suas palavras, “*o sexo devia ser aceite como uma coisa natural na vida – como dormir, comer e tudo o mais. Além disso, o sexo pode ser associado à meditação, e, uma vez que isto aconteça, a sua qualidade alterar-se-á por completo. O sexo sem meditação serve apenas para dar à luz crianças. O sexo com meditação pode proporcionar-lhe um renascimento e transformá-lo num novo ser humano*”.



**“Astrologia & Filosofia – um discurso sobre o tempo e os instintos”** de José Prudêncio

Este livro é o resultado do mestrado de Cultural Astronomy and Astrology realizado em Bath, Inglaterra, se bem que “*é um ponto de partida, não é um ponto de chegada*”. José Prudêncio procura aqui recuperar os ensinamentos da antiga Astrologia Grega, de forma a utilizá-los como uma filosofia de orientação do crescimento humano. Para o autor, “*cada ser humano é alguém em construção potencialmente livre e em aberto, que pode sempre vir a desenvolver outros aspetos de si, recriar-se, renascer, adquirir novas capacidades e competências, inventar para si e para os outros novas realidades e novos modos de ser*” e “*as técnicas astrológicas passam agora a ser usadas numa perspectiva de orientação para o crescimento*”.

# “The usual suspects”

de Bryan Singer

"The usual suspects" é um filme de manipulação. Parece que apenas as personagens são manipuladas, se bem que, no final do filme, o espectador sente-se manipulado pela forma como a estória é contada. O curioso é a facilidade com que isso acontece devido ao preconceito que o filme tão simplesmente desvenda.

O filme conta a estória da investigação de um assalto a um navio ancorado no cais de San Pedro levada a cabo pelo agente especial *Dave Kujan* (Chazz Palminter). Kujan tem apenas dois sobreviventes. *Roger "Verbal" Kint* (Kevin Spacey), cúmplice no assalto, e um húngaro em coma no hospital, depois de ter sofrido queimaduras graves por todo o corpo. A atenção de Kujan centra-se em "Verbal" Kint.

Aproveitando-se da aparente fragilidade e ingenuidade de Verbal, Kujan pressiona-o a contar a verdade. Verbal sofre de uma deficiência mental e tem dificuldade em manter a boca fechada - tendo por isso a alcunha de Verbal.

Assim, Verbal conta que há cinco dias atrás uma carrinha que transportava peças de armas tinha sido assaltada em Nova Iorque.

Nessa altura, a polícia prendeu para averiguações cinco homens: Verbal (Kevin Spacey), *Keaton* (Gabriel Byrne), *Hockney* (Kevin Pollak), *McManus* (Stephen Baldwin) e *Fenster* (Benicio del

Toro).

Conheceram-se na linha de identificação, repetiram uma frase que teria sido dita pelo assaltante. Quando Verbal diz a frase deixa escapar um olhar que só é compreendido no final do filme. Enquanto esperam a libertação, combinam assaltar um correio de tráfico de diamantes, que chegaria à cidade protegido pela polícia de Nova Iorque. McManus sugere um serviço em conjunto e Verbal aponta o caminho. Já Keaton tenta convencê-los do contrário, se bem que acaba por participar ativamente, fazendo com que a imprensa chegue ao local do crime antes da polícia. Dessa forma, acaba por provocar a prisão de 17 polícias corruptos envolvidos no esquema.

O grupo rouba 3 milhões de dólares em diamantes e dirigem-se para Los Angeles ao encontro do comprador, conhecido de McManus. O comprador sonda o interesse noutro serviço.

Inicialmente Keaton nega-se a mais um assalto. A verdade é que acabam por assaltar um traficante de droga, com o intuito de ficar com o dinheiro que ele transporta. A droga ficaria para o comprador que os contratou.

As coisas não poderiam ter corrido pior. Primeiro, vêem-se forçados a matar o traficante e os seguranças. Segundo, descobrem que apenas há droga dentro da mala. E terceiro, vêem-se envolvidos com



um criminoso temido por todos, chamado Keyser Soze. Soze assassinou a própria família, que estava a ser ameaçada por concorrentes seus, apenas para demonstrar que nada temia. Kobayashi (Pete Postlethwaite) aborda-os com uma proposta suicida de Soze. Todos eles, de alguma forma, tinham roubado alguém ligado ao "diabo", como era conhecido no mundo do crime. Para além disso, Soze tinha provas de todos os crimes que já tinham cometido e por isso não tinham como recusar. Maior prova têm, quando Fenster foge a meio da noite. Encontram-no morto na praia. Motivados pela raiva e pelo medo, decidem matar Kobayashi, se bem que desistem ao descobrir que no seu escritório está Edie (Susy Amis), namorada e advogada de Keaton. Finalmente, aceitam correr o risco para roubar 91 milhões de dólares em cocaína de traficantes argentinos, que Soze pretende eliminar. Quando conseguem entrar no navio descobrem que não existe droga e acabam por ser assassinados pelo próprio diabo. A dado momento Verbal diz a Kujan que "O maior truque que o Diabo alguma vez fez foi convencer o mundo que não existia". Mesmo assim, Kujan não acredita que Keaton esteja morto. E depois de descobrir que a bordo do navio viajava a única testemunha que poderia identificar Keyser Soze,

conclui que os argentinos pretendiam vendê-la à máfia húngara. O assalto era para a eliminar. Nesse momento e levado pela sua obsessão por Keaton, Kujan manipula Verbal a admitir que Keaton era Keyser Soze e que ainda estava vivo.

Os últimos minutos do filme deixam cair de vez os véus da manipulação e iluminam o preconceito da polícia e dos espectadores. Verbal sai da prisão enquanto Kujan fala com o detetive que o acompanhou no caso. Entre palavras, café e leitura aleatória dos papéis afixados no quadro que esteve aquele tempo todo nas suas costas e à frente de Verbal, percebe que tinha acabado de deixar sair pela porta da frente da esquadra o verdadeiro Keyser Soze. Na rua, Verbal perde o andar cambaleante e as mãos deficientes e entra no carro conduzido por aquele a que tinha dado o nome de Kobayashi.

No final, a frase que mais vem à mente é de Kujan. Quando pressiona Verbal para contar o que sabe, ele diz-lhe que "sou mais esperto do que tu", mostrando-se superior ao outro. A imagem de incapacidade que Verbal passa ilude Kujan, sem que se aperceba que Verbal utiliza o preconceito social para iludi-lo e manipular as conclusões finais da investigação.



## Como um guia

Depois da longa caminhada sob a companhia atenta dos raios dourados do rei dos céus, o fresco daquele banco era tudo o que precisava. Sentei o meu corpo cansado e suado, certa que ali poderia recuperar as minhas forças calmamente.

O teto verde de folhas oscilantes denunciava a presença de uma leve e refrescante brisa que nos embalava ao som do saltar dos ponteiros do relógio da capela ali erguida há centenas de anos.

Sempre estranhei a construção de um parque para crianças ali naquele sítio, junto a uma capela onde habitualmente se velam os mortos, se bem que às crianças não parece incomodar.

Elas adoram um parque onde se sentem abraçadas e protegidas por todas aquelas majestosas de casco castanho e braços verdes decorados por pequenos salpicos de diversas cores e aromas.

Ali, onde eu vejo luto, as crianças

vêm beleza; onde eu ouço choro, as crianças ouvem sinceridade; onde eu sinto estranheza, as crianças sentem amor; onde eu critico, as crianças aceitam; onde eu duvido, as crianças acreditam.

Os poucos minutos que ali estive, a observar aquelas miniaturas de gente a brincar livremente num parque colado às paredes caiadas daquele santuário que muitas vidas viu passar, apercebi-me que elas – as crianças – são os verdadeiros guias neste mundo, nesta vida.

Elas sim, sabem viver! Com elas aprendemos a viver livres... verdadeiramente livres de preconceitos, certezas e complicações, vivendo uma vida de experiências plenas de alegria e de natureza simples.

# Espelho da alma

O meu coração disparava todos os dias por volta daquela hora. Batia desenfreado como se quisesse saltar cá para fora. Bastava sentir o aroma de café torrado ou o som das colheres a rodar nas chávenas para me lembrar daquela visão matinal, que me fazia corar todas as manhãs. A sua luz apaixonante atravessava aquela rua movimentada e ocupava-me a mente. Ele é um cliente habitual. Costuma sentar-se naquela esplanada em amena cavaqueira com os amigos que o acompanham ao pequeno-almoço.

Hoje parei junto à montra do pronto-a-vestir, que tantas vezes serviu de espelho para o observar. Procurei a sua figura agradável, a sua expressão de gozo e os seus gestos matinais sob o som descompassado dos meus suspiros. Ele não estava lá. A mesa, onde costumava pousar a sua chávena, estava prestes a ser ocupada por uma mulher e os seus sacos. Aquela ausência descontrolava o meu coração e enchia-me de uma profunda tristeza. Eu conseguia aguentar a distância, mas não o ver era um peso insuportável.

O meu corpo ganhou toneladas de pressão que me bloqueava os movimentos. Cada ponto do meu ser era invadido por uma sensação estranha de perda de alguém que nunca tinha tido.


Uma voz quente e masculina interrompeu o meu descontrolo. Bem próximo do meu ouvido esquerdo disse *“Todos os dias a vejo*

*aqui, a observar esta montra. O que é que lhe interessa?”*. Nem me mexi. Assustei-me! Um homem que me observa todos os dias... só pode ser um tarado!

Imóvel e calada, tentei ignorar o homem, na esperança que se fosse embora. Nem sei o que pensei. Apenas queria que aquela sensação de insegurança – de medo até – me deixasse em paz. Aquela presença continuava ali em silêncio. Decidi então olhar com firmeza e insultá-lo o quanto pudesse, chamando assim à atenção de quem passava. Inspirei fundo e, assim que me senti confiante, virei-me na sua direção. Para meu espanto, dei de caras com ele, o homem que todas as manhãs observava, que nem uma tarada, através da montra do pronto-a-vestir que lhe pertencia.

Será a  
consciência  
o caminho  
para a  
harmonia?

Descubra na próxima edição da d' autor, a revista que sonha!

A crown of thorns is positioned in the foreground, its dark, sharp spines creating a complex web of lines. In the background, a large, weathered wooden cross stands prominently against a sky filled with the warm, golden-orange hues of a sunset. The cross is slightly out of focus, emphasizing the sharpness of the thorns in the immediate foreground.

Cada qual escolhe a  
cruz que carrega!